O Mistério da Floresta Mágica

Tapete Voador

Arsénio Mota

ilustrações
António Modesto



bibRIA

CAMPO DAS LETRAS

O Mistério da Floresta Mágica

bibRIA

bibRIA

Título: O Mistério da Floresta Mágica
Autor: Arsénio Mota
Ilustrações: António Modesto
Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A. – Porto, 1999
Rua D. Manuel II, 33, 5.° 4050 Porto
© Arsénio Mota
1ª edição - Maio de 1999
Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. - V. N. Famalicão

Depósito legal N.° 134331/99
ISBN 972-610-081-X
Código de barras: 9789726100812

Colecção: Tapete Voador - 4

O Mistério da Floresta Mágica

Arsénio Mota

Ilustrações
António Modesto

bibRIA

CAMPO DAS LETRAS

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO

bibRIA

Ao começarem os dias quentes, uma rã acordou da metamorfose. Saiu do seu charco, saltou por cima de ervas, muitas ervas, saltou por cima de pedras, muitas pedras, e a certa altura viu-se em cima de um monte. O monte era um bocado esquisito, mexia-se. Mexia-se mesmo por debaixo das suas patinhas esverdeadas. Era o ombro de um anão a caminhar!

O anão tinha estado a dormir no chão e pôs-se a caminho no momento em que a rã lhe saltou para o ombro. Pois lá foi ela com ele!

Quando o anão viu a rã a dançar-lhe no ombro, a equilibrar-se para não cair a cada passo, ficou par-lapatão. Ao caminhar, ele abanava muito os ombros para um lado e para o outro, mas sorriu ao cumprimentá-la:

– Olá! Seguimos os dois por este caminho ou queres voltar para trás?

Para sua surpresa, a rã respondeu-lhe:

– Já agora...

– Estás bem disposta? Vamos a uma corrida!

– Uma corridinha? Está bem! Ganha quem chegar primeiro àquele cedro alto sem se molhar. E eu dou-te três passos de avanço à partida...

– Três passos dos meus? É para já!

O anão era filhote de anão, quer dizer, era o mais pequeno dos anões e, com a pressa, nem reparou que a meta ficava do outro lado de um pequeno ribeiro. Para chegar ao cedro «sem se molhar» era preciso saltar por cima da água com perna longa porque não havia nada a servir de ponte.

biblRIA

bibRIA

A rã, pelo tamanho bastante crescido, parecia a mãe de todas as rãs. E sabia muito, já tinha passado por diversas metamorfoses. Saltou do ombro, que não era muito alto, para o chão, deixou o anão adiantar-se três passos, e... *zás*!, a corrida começou.

O anão, claro, dava passos miudinhos. Inclinava os ombros para a direita e para a esquerda, era como se estivesse a marcar passo no mesmo sítio para calcar formigas. Entretanto, a rã esticava as longas pernas traseiras e projectava-se em saltos pelo ar. Ultrapassou-o logo. Até parecia voar!

Quando o anão chegou ao ribeiro, ficou aflito. Com as suas perninhas curtas, não conseguiu passá-lo de um salto, portanto sem se molhar e, nessa altura, de qualquer maneira, a rã já estava do outro lado, junto do cedro, a rir-se, vitoriosa.

A corrida teve assistência. Um rapaz, Io, assistiu ao desafio e à derrota do anão. Longe de casa, andava pela floresta mágica porque tinha sido condenado a entender um segredo sob pena de não mais crescer e, portanto, em breve, a morrer.

Porém, se conseguisse desvendar o segredo, encontraria um tesouro e teria uma vida longa e feliz.

Io tinha sido bem prevenido: na floresta encontraria uma rã voadora e um anão parlapatão, ambos encantados, é claro. O rapaz devia falar com eles porque os dois lhe haviam de dizer onde estava escondido o tesouro.



bibRIA


bibRIA

Quando o anão recuperou o fôlego, Io aproximou-se e fez-lhe a pergunta:

– Ando em busca de um tesouro que não sei o que é mas sei que se esconde aqui, na floresta mágica. Disseram-me que vos encontraria e que vocês me ajudariam a encontrá-lo. Por favor, revelem-me o segredo senão eu paro de crescer.

Os dois, muito espantados, olharam para o rapaz e depois desataram a rir, escancarando muito as bocas. Primeiro nem quiseram acreditar na história do rapaz. Em seguida, desgostosa, a rã saltou para o ombro do seu amigo para ambos se consolarem. Repetiram muitas lamentações e, por fim, a rã respondeu-lhe:

– Mas eu estava à espera de encontrar uma pessoa como tu, que me vinha dizer onde mora, porque é na tua casa que o tesouro será descoberto!

Admirado, incrédulo, Io quis saber quem lhes dissera que havia um tesouro a descobrir onde ele morava, exactamente na casa de onde a necessidade o fizera sair.

bibRIA

– Foi a serpente de rabo na boca – disse o anão, baixando a voz com medo de ser ouvido. – Acordei-a uma vez e ela arreliou-se... Não admite que a incomodem.

– Livrem-se de a assanhar! Por causa dela é que eu fiquei encantada e só vou poder casar quando for descoberto o tesouro – lamentou-se a rã.

– Eu também a encontrei – disse Io. – A serpente!... A mim não me fez mal nenhum! Pelo contrário, foi amiga, deu-me o seu assobio.

– Ficou sem poder silvar? – pasmou a rã.

– Ficou muda? – espantou-se o anão.

– É impossível! – exclamou a rã.

– Não acredito – declarou o anão muito escandalizado.

– Não acredito! – repetiu a rã, abrindo a boca de assombro.

– A serpente de rabo na boca nunca fez bem a ninguém, que se saiba! – tornou o anão quase ofendido, em voz baixa. Era como se estivessem a querer convencê-lo de que o gelo queima como lume, mas não é verdade que queima realmente?

– Não acreditam? Mas ela ofereceu-me realmente o seu assobio num apito e explicou-me que me poderei salvar uma vez com ele quando estiver em perigo de me perder – respondeu-lhes Io.

– É tão má que só fabrica peçonha! – gritou a rã sem mais paciência e, arrependida por ter feito barulho, tapou a boca com a patinha.

– E assim a malvada se envenena mais com o seu próprio veneno! – berrou o anão, irritado, para logo se arrepender.

Então Io descansou-os:

– Podem falar alto à vontade, amigos! A serpente dorme no fundo da sua toca e eu garanto-vos que vai ficar quieta pelo menos enquanto não formos lá acordá-la. Sabem o que aconteceu?

bibRIA

O anão e a rã não sabiam, portanto Io continuou:

– Mostrei um espelho à serpente e ela, vendo-se reflectida, acabou por ficar presa no seu encantamento.

– Quer dizer, virou-se o feitiço contra a feiticeira! – festejou o anão a rir-se para a rã.

Tamanha novidade era quase inacreditável. Mas Io, para evitar mais dúvidas e discussões, acrescentou:

– Querem ver o apito que ela me deu? Aqui está. Agora não acreditem se quiserem!

Puxou um fio de prata que trazia em volta do pescoço e mostrou um pequeno objecto cor de pérola. Depois virou-lhes as costas.

Sentia-se decepcionado. Afinal, aqueles dois andavam em busca do mesmo que ele! Queriam resolver o problema que os afligia e, em resumo, não podiam ajudá-lo.

O rapaz viu-se num grande perigo. Estaria condenado sem salvação? Quem poderia dar-lhe conselho ou ajuda naquela floresta cheia de escuridões, animais ferozes, buracos traiçoeiros? Não iria acabar a sua pouca sorte?

Sem saber o que fazer, Io continuou na companhia da rã e do anão. Apesar de tudo, eram os melhores amigos que podia arranjar. É certo, tinham um problema para resolver como ele. Talvez, quem sabe?, os três pudessem ajudar-se uns aos outros até arranjarem uma solução.

Vendo-o triste, a rã saltou para um charco e começou a cantar. Já era noite e a lua cheia brilhava com o máximo esplendor. Entusiasmada, a rã batia a compasso as suas patinhas esverdeadas e fazia rolar com meiguice os olhinhos de um lado para o outro, em volta do rapaz. Queria animá-lo, mas Io continuou sentado numa pedra, de cabeça caída, talvez a chorar a sua desdita.

bibRIA

A rã colocou-se perto dele e, porque queria conversa, saltou-lhe para um joelho para o fitar de olhos nos olhos.

– Pensas na tua sorte, Io? Certamente achas que tens o dever de compreender *tudo* muito bem... Talvez seja esse o teu problema, quem sabe? – arriscou a rã.

– E não é natural querermos compreender tudo? Não é bom?!

– Até certo ponto, talvez não...

– Ninguém gosta de fazer figura de tolo, rãzinha – comentou Io.

– Sim, é verdade. Mas repara, também é verdade que não conseguimos compreender tudo de uma só vez, mesmo que alguém nos explique as coisas com a máxima clareza.

Io calou-se porque lhe nascia na cabeça uma ideia nova.

A rã insistiu:

– O maior tolo é capaz de ser aquele que se julga em condições para entender ou para explicar tudo tintim por tintim.

– Rãzinha, obrigado por esse grande ensinamento! Tens razão, até o maior sábio terá de se confessar ignorante de muitas coisas...

Agradecendo, o rapaz inclinou o rosto para a rã e ela não se conteve: de repente saltou e beijou-o, de olhinhos fechados, na face.

No dia seguinte, o anão convenceu-os a seguirem viagem e eles lá foram em grupo através da floresta.

Adiante entraram numa clareira redonda e ali, subitamente, aconteceu o imprevisto. O anão foi possuído por uma força poderosa. Cresceu. Correu para o centro daquele espaço, onde se via uma espada espetada a reluzir, ergueu os dois braços e entoou solenemente umas palavras incompreensíveis:

bibRIA

Chamarrita!
Calim guédia craiolero ex zimbar
Erto clíron guadarrama pirol
Clíria permassa urdorriadol
Mesto truc sinetruc pralibar!

Um lobo saltou, transformou-se no ar em dragão capaz de fazer tremer o solo, e avançou, chispando lume nas ventas, para destruir a figura que de espada na mão o desafiava.

Na verdade, o anão, embora agigantado, não podia medir-se facilmente com fera tão gigantesca. E o dragão esticava o pescoço e arreganhava os dentes, com os olhos vermelhos de raiva, bufando violentamente a dois passos dele!

Mas o anão, sem recuar, enfrentou o bicharoco das cavernas, que já se envolvia em nuvens, de fumo a cabeça e de poeira a cauda.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO

bibRIA



O dragão defendia, na clareira redonda, uma passagem para o lado mais misterioso da floresta e, até então, ninguém conseguira derrotá-lo. O melhor que os mais valentes faziam era arriscarem-se a passar sorrateiros, sem o acordarem. O anão, porém, chegou, enfrentou-o corajosamente e agora lutava com ele, de espada em punho a faiscar golpes.

Encorpado como um herói invencível, o anão saltava para se desviar dos ataques do bicho mau, tão raivoso que parecia enlouquecido. Devia ter mais de trezentos anos de idade e por certo nunca ninguém o acordara a sério.

O anão era finório. Deu uma volta, escondeu-se atrás de um tronco de árvore grossíssimo e o dragão, perseguindo-o, rodeou esse tronco com o pescoço esticado como se fosse um cachecol. Ficou preso, era o que o anão pretendia! Apanhou-o a jeito e deitou-o por terra.

bibRIA

A descansar o pé direito sobre o pescoço do vencido, o vencedor chamou Io e a rã, que não queriam aproximar-se por recearem que o dragão não estivesse bem morto.

– Venham cá!

– Ora, para quê?...

– O dragão vai contar-vos a lenda da floresta!

– Que conte de longe, que nós ouvimos bem!

– Vocês não têm vergonha? Tanto medo por causa de um simples lobo ferido... E eu cheio de pressa!

Io e a rã olharam com atenção e, realmente, no lugar do dragão, viram um animal inofensivo, caído como um cãozito atropelado.

Ainda assim, aproximaram-se devagar. O anão era agora um senhor de respeito!

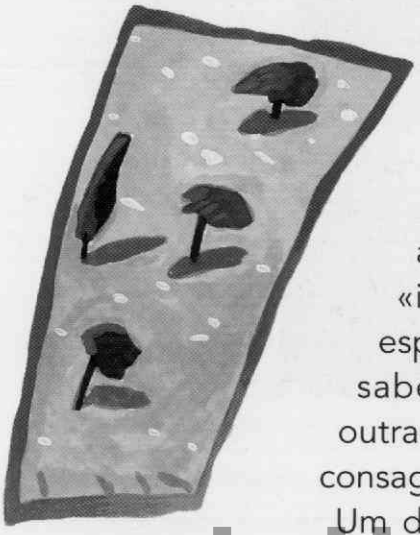
– Se querem acabar bem esta aventura, precisam de conhecer a lenda da floresta para poderem sair dela – tornou o anão.

– Venha daí a lenda – concordou Io. – Senão, já sei,

vamos ficar aqui perdidos para sempre!

– Está bem, então escutem.

Levantou o pé do animal e os três ouviram falar uma voz que parecia erguer-se das profundezas da terra.

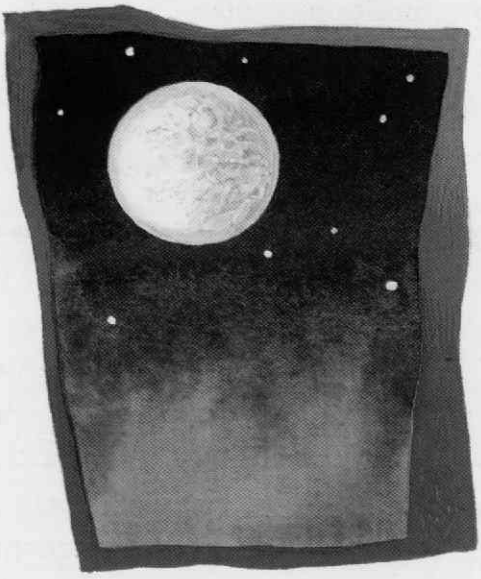


Era uma vez a floresta tão grande como o mundo, porque estávamos no princípio do tempo. Tinha árvores «úteis» e árvores «inúteis», e bichos de todas as espécies. Cada espécie possuía um saber secreto que comunicava às outras e por isso a floresta era lugar consagrado de sabedoria.

Um dia a desgraça aconteceu: o Feiticeiro encontrou um machado que andava em busca de cabo e não se importou de lho dar. Mas quando os duendes e os outros génios da floresta viram aquilo, desataram a fugir, só que o machado os perseguiu por todos os lados e, por onde passava, cortava tudo o que lhe parecia «inútil» e tudo deitava ao chão.

A floresta, lugar consagrado de sabedoria e grande como o mundo, desapareceu, destruída pelo machado cego. E os duendes e os outros génios bons da floresta, zangados e sem lugar para viver, criaram uma outra floresta, que é esta, cheia de perigos, pela qual têm de passar todos os seres em crescimento, porque se impõe a regra de que viver é crescer – crescer de alguma maneira – para se poder chegar até ao fim.

biblRIA



bibRIA

Com isto, Io percebeu ainda melhor que tinha de encontrar o caminho para sair da floresta dos duendes zangados e voltar à vida normal, em sua casa.

Empunhando um bastão, que havia sido espada, o anão conduziu Io e a rã. Chegaram à beira de um lago, anoitecia. O luar espelhava-se na superfície líquida e transformava-a numa seda onde apetecia derramar o corpo e, dentro desse pano macio, as próprias ideias e os sentimentos.

O lago tinha a forma familiar de um umbigo coberto por um manto prateado no qual brilhavam muitas estrelas.

De um salto, a rã mergulhou na água e o anão seguiu-a imediatamente, mergulhando também.

Sozinho, Io hesitou. Apetecia-lhe descansar, cair para o lado e adormecer, mas não deveria antes seguir os companheiros? Sabia que a floresta por vezes se com-

parava com uma mãe e, se isso era verdade, o lago parecia-lhe um berço fresco e seguro para quem quisesse renascer.

Ganhou coragem e, como tinha o apito salvador, calou o medo, encheu o peito de ar e afundou-se na água em busca de companhia.

Passou tempo sem se afogar porque o rapaz sentiu, com admiração, que podia estar dentro daquele lago. E como era profundo!

Io viu a rã e o anão nadarem, nadarem cada vez mais para a fundura, e seguiu-os. Os três só pararam ao chegar a um sítio que parecia especial não se sabia porquê.

Na verdade, o sítio estava marcado por três círculos construídos com pequenos pedaços de pedra. O grupo, com o anão à frente, penetrou no anel do primeiro círculo. Avançava devagar, respeitosamente. Depois penetrou no segundo e avançou ainda mais devagar...

biblRIA

Io seguia os companheiros com dificuldade. O local tinha um aspecto impressionante. Tudo era estranho, talvez sagrado ou talvez ameaçador.

Por fim, o grupo atingiu o terceiro e último círculo. No centro exacto daquele local redondo erguia-se um mastro altíssimo. Se em vez de estar cravado no fundo do lago estivesse em cima da terra, o mastro devia tocar as estrelas, tão alto era. No sopé, Io quis medi-lo com a vista mas não lhe viu a ponta. Mastro de navio dos maiores não era, porque, cortado, chegaria para mastrear uns quantos e, mesmo assim, seria para admirar um tronco de árvore tão direito, de tão invulgar altura e com uma grossura constante.

O anão agarrou-se ao mastro e, de repente, começou a trepá-lo como o macaco trepa ao coqueiro, ou como se fosse o único caminho que tinha a seguir. A rã também parecia entusiasmada, só o rapaz continuava triste.

O mastro, que antes parecia liso, parecia ter agora um ramo recém-nascido a certa altura. O anão parou ali. Viu-se então que era um mágico, porque cortou o ramo e com a madeira fez um tambor. Pôs-se logo a tocá-lo, e as pancadas que o anão lhe dava eram tão fortes que Io pensou que iam acordar o mundo inteiro.

Era o que o anão pretendia ou, pelo menos, era o que ele dizia, berrando e tocando o tambor. Nisto o anão começou a crescer, cresceu muito, em breve ia ter um tamanho gigantesco. Depois subiu para outro ramo mais acima, subiu no mastro para um terceiro, fazendo ouvir o tambor cada vez com maior ruído. Quando chegou ao quarto ramo, o rapaz e a rã já não o viam na altura. Mas o anão continuou a subir e a fazer barulho, atingiu o quinto, atingiu o sexto conforme ele próprio anunciou, berrando e fazendo soar as pancadas sonoras, de acordar o mundo, e só parou no sétimo galho, tão alto que se perdia nas alturas, ficando completamente invisível. Então gritou que tinha aberto um buraco no céu – e, pelo menos, o estrondo que fez foi enorme!

bibRIA

O anão desapareceu deste modo, saindo pelos ares. Devia ser realmente um mágico prodigioso porque nunca mais foi visto.

Junto de Io, a rã começou a inchar, a inchar. Quando ia rebentar, *plof*!, transformou-se numa concha que se abriu para o rapaz. Ouviu-se um novo estrondo e ele viu-se preso dentro da concha.

– Ou me levas contigo à casa onde moras e descobres onde está guardado o tesouro, ou não te deixo sair! – ameaçou a concha-rã.

Io ficou admirado. Não esperava que ela pudesse ameaçá-lo de maneira nenhuma, portanto devia estar desesperada.



– Queres obrigar-me a salvar-te, não é? – troçou o rapaz. Tantos problemas arreliavam-no.

bibRIA

– Ainda não sabes, meu pateta, que ninguém consegue sair sozinho da floresta? E que tão-pouco ninguém vem sozinho para aqui?

– Eu vim sozinho! – garantiu Io.

– Parece-te! Cumpriste um mandado, isso sim...

– Vim sozinho, já te disse!

– Ora! E a tua amiga serpente?...

– Já te percebo: tenho o meu apito, queres salvar-te comigo!

– Ninguém se perde nem se salva sozinho, ouviste?!

Io lembrou-se do aviso: sairia da floresta, salvando-se dos seus perigos, se conseguisse encontrar a verdade. Ora ele, se já sabia a verdade, ainda não sabia a verdade que era.

Triste, quis voltar ao ponto de partida. Tocou o apito, saiu do lago e depois quis sair da floresta com a sua concha-rã.

bibRIA

Continuou a estar dentro dela, mas sentia também que a concha-rã estava dentro dele por um mistério inexplicável. No entanto, ainda se sentia sozinho, triste. Ainda estava um pouco preso nas escuridões da floresta. Não percebia onde poderia descobrir o tesouro e assim condenava-se a parar de crescer.

Tinham-lhe dito que o acharia em sua casa. E se o procurasse ali? A indicação era duvidosa, devia haver algum engano. Mas... que fazer? E a sua concha-rã o ajudaria.

Regressou. Em casa, Io resolveu procurar, procurar bem com inteligência e afinco. Depois, cansado, desistiu. Num desespero, voltou-se para a sua concha-rã. Pela primeira vez começou a observá-la com atenção e a conhecê-la como quem por fim abre os olhos.

De facto, a seu lado, a concha-rã transformara-se numa linda rapariga! Por fim, Io encontrou o tesouro que devia encontrar para crescer.

Surpresa: estava escondido dentro dela!

bibRIA

Ondina Sereia e o Mar

bibRIA

bibRIA

A menina que está na praia a tomar sol já sabe escrever as primeiras letras. Vem uma onda e varre o areal, deixando-o como uma folha de papel muito lisa. A menina acha então que o seu pedaço de praia é bom para escrever, estica o dedinho indicador da mão direita e desenha na areia o seu nome.

Ondina, está ela a escrever.

O papá, ao lado com a mamã, observa. Gosta da caligrafia de sua filha. Pega na máquina fotográfica que tem consigo, foca a menina e, quando ela completa a última letra, o *a*, dispara a máquina: *clik*!

bibRIA

Ondina ergue a vista quando o papá diz, satisfeito, recolhendo a máquina:

– Já está!

E a mamã, de livro aberto na mão, comenta:

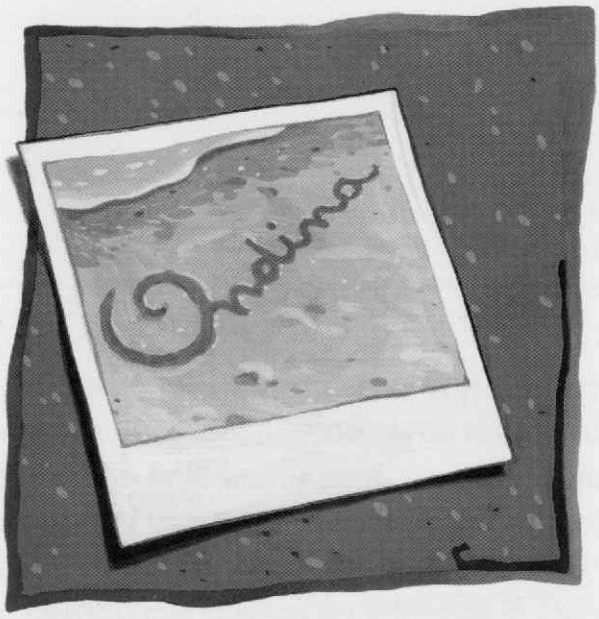
– Tens a mania das fotografias! E a menina nua...

Eu estou perto. Olho e já estou a imaginar a imagem que o papá registou. De certeza que é a cores e bem bonita.

A imagem mostra a menina debruçada sobre a areia loira no momento em que acaba de escrever o que sabe, aquele nome que é ela.

Tão macia é aqui a areia molhada pela última onda como é macia a carne da menina mimosa que, com a ponta do dedinho, nele escreveu, esfolando a lisura da praia.

Agora a areia do rebordo das letras está a secar e já lembra bocadinhos de bolacha torrada no forno do sol. Até apetece comê-la!



À menina ficou a pertencer aquele cantinho da beira-mar porque a menina dele se apropriou. O nome diz Ondina e Ondina é ela, portanto naquele bocado de areia só ela pode reinar neste momento.

Eu também peguei na minha máquina fotográfica e registei a imagem. Quando o papá fez a sua fotografia, *clik*!, fotografei eu o fotógrafo, a menina e o seu nome escrito na beira-mar.

Esta fotografia vai para o meu álbum. A menina com certeza também vai guardar a foto e levá-la à escola para a mostrar aos amigos, e o papá com certeza também a levará, com orgulho, aos colegas de trabalho.

Mas um senhor desconhecido, que estava ali perto, na praia, viu-me fotografar o papá que fotografava a menina, achou graça à nossa imagem, e *clik*!, também a registou. Veio agora falar-me.

Esperem um pouco para me verem na foto do senhor de máquina apontada para o papá e para a menina que acaba de assinar o seu nome. As nossas sombras estendem-se na areia morena como toalhas pretas enrodilhadas aos nossos pés. E só tenho pena que uma

biblRIA

outra pessoa não nos tivesse fotografado a todos, três fotógrafos alinhados em grupo maior para maior graça.

Estas imagens encadeiam-se umas nas outras, da primeira à última e, nesta última, reparem na maravilha, encontra-se tudo explicado e resumido. É a história de um breve instante, e o instante termina quando outra vaga mais forte alastra pela praia e apaga o nome da menina tão bem caligrafado no areal.

Ondina fica desgostosa, inconsolável. Sem o nome escrito no seu cantinho da beira-mar, junto dos rochedos, ela não tem terreno para a brincadeira.

Mas o papá não gosta apenas de tirar fotografias. Também gosta de inventar histórias. E conta para a consolar, quer dizer, canta para a encantar:

– Sabes, o mar levou o teu nome porque quis guardá-lo no seu coração.

A mamã ouve, ergue a vista da leitura e comenta:

– Dizes isso a brincar, mas olha que pode muito bem ser verdade. O oceano beijou com a onda o nome da nossa filha e depois arrastou-o consigo para o fundo onde habita. Algum motivo deve ter tido...

– Claro – concorda o papá. – Então o mar não havia de gostar da nossa Ondina?

– É verdade, a nossa filha tem nome de pequena onda!

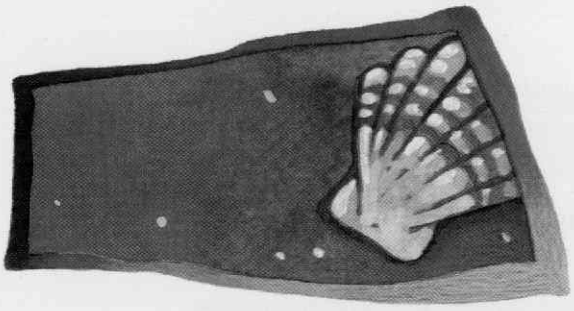
– Diz antes de sereia – corrige o pai.

Passado tempo, a família volta a frequentar aquela praia durante umas férias. Mais crescida, a menina já usa biquini. Porém, as condições do tempo não lho permitem.

O vento sopra, agreste e quase frio, e o mar mostra-se embravecido embora seja Verão, época dos calores e das calmarias. As pessoas falam disto com estranheza e contrariedade pelas ruas e os cafés.

Ondina, com saudades do mar, convence os pais a

biblRIA



levarem-na, mesmo assim, até à praia.

Ondas ameaçadoras batem nas rochas, parecem rugir de fúria louca, mas eles guardam-se do vento e dos borrifos de espuma. E logo a menina se escapa e, de um salto, sem que ninguém pudesse detê-la, mergulha na água revolta!

– Está mesmo boa! – grita ela ao emergir, acenando com o braço para tranquilizar os pais.

Poucas das pessoas que se espalham pelo areal tentam experimentar o banho e descobrem com prazer que a água é realmente apetecível, parece morna.

– Está-se melhor aqui do que aí fora! – exclamam.

E o mar, bravo um pouco antes, com vagas violentas, acalma-se num instante e quase adormece em doce repouso.

biblRIA

– Porque se acalmou o mar tão de repente? – observa a mamã, pensativa.

– Deve ter sentido chegar a nossa Ondina! – diz o papá. – Ela faz milagres...

– A brincar que o digas! – replica a mãe, retomando o seu tricô.

Para ela, os contadores de histórias de todo o mundo, juntos e somados, têm menos fantasia do que a fantasia da realidade. E perguntem-lhe: o que é a fantasia da realidade?

É aquilo que vemos acontecer realmente e que não pára de nos surpreender pela sua novidade – repete a mamã.

Uma tarde, Ondina está sentada na areia, junto da mãe. Pensativa, contempla longamente o mar, com uma cor azul pura belíssima. Diz:

– Cada vez gosto mais do mar. Enche-me o peito tanto, tanto, que me comovo e estremeço de

felicidade. É potente e soberbo. Faz-me bem olhar para ele e não me canso, nunca me canso...

– Dizem que todos os seres nasceram no mar. Deve vir daí essa atracção – responde a mãe.

Ondina suspira:

– Ai, se pudéssemos viver sempre à beira do oceano!

Ondina cresceu uns anos. É uma rapariga esplêndida. Toda a gente que a conhece a trata carinhosamente. E quando o mar se agita e enraivece, com fúrias inesperadas em pleno Verão, o pai, sorrindo, pede-lhe:

– Vai tomar um banho para que o mar se acalme!

Ela não se faz rogada. Está sempre disposta a meter o corpo na água salgada e, porque é linda, lembra uma sereia de carne autêntica para nossa admiração. Ora a verdade, que ninguém sabe explicar, é esta: quando Ondina está no mar, ou perto, as ondas e o vento ficam com a doçura de carícias.

Devem ser coincidências, acreditam os incrédulos.

biblRIA

O grande prazer de Ondina durante as férias é mergulhar e permanecer submersa o maior tempo possível. Dentro da água dança com as hastes das algas que baloiçam na corrente e sente-se livre. Vai até longe da costa sem que lhe falte a respiração porque vem à superfície quando precisa.

No interior do mar é que Ondina está bem. O mar parece dizer-lhe que também gosta de a ter consigo, completamente mergulhada, talvez perto do seu coração. E ela deslumbra-se a cada passo. Encontra cardumes de peixes prateados que a acompanham cordialmente, metidos nos seus cabelos longos como algas, admira os musgos aveludados que crescem nas pedras, as plantas aquáticas que transformam o fundo marítimo em canteiros de jardim verdejante e anémonas à beira de flores lindíssimas que são animais móveis.

Quando Ondina volta para terra, o seu corpo brilha com a luz especial que vemos no interior das conchas mais valiosas. E todos elogiam a beleza que ela traz dos seus mergulhos oceânicos, com o espanto de verem como pode uma sereia caminhar normalmente pela rua e dormir na vizinhança.

Para Ondina começa, porém, um aborrecimento. Dizem-lhe que tem de ser uma rapariga como as outras, que está em boa idade para ter namorado. Mas ela resiste. O que a arrelia deveras não é coisa de namorado, é ter de passar longos meses afastada do oceano, quando queria viver em contacto com ele, ao menos, por exemplo, dentro de um barco.

De qualquer maneira, Ondina mergulha nas ondas e sente o grande coração do mar a bater perto. Poucas pessoas devem ter experimentado o que ela sente assim unida ao gigante marítimo e com ele formando um só corpo, quando tanta gente louca o agride às cegas.

bibRIA

Entretanto, com os seus mergulhos prolongados, Ondina já deve conhecer uma grande extensão da zona da praia tão bem como se fosse terra seca. Um dia aventura-se até mais longe e aparece uma novidade: o fundo do mar transfigura-se.

Encontra duas enormes colunatas erguidas. Passa por filas de cavalos-marinhos. Adiante, bolas de cristal flutuam aqui e ali, iluminando as águas, e Ondina depressa descobre que respira normalmente quando enfia a cabeça dentro de uma delas. Pois bem, não precisará de voltar à superfície com tanta frequência.

Intrigada, Ondina avança para as ruínas de uma construção antiga, talvez de um palácio submerso. Desvia-se ao ver duas enormes serpentes semi-enroladas à porta, como sentinelas, apesar de, estendendo as línguas, elas a chamarem como se estivessem, muito impacientes, à sua espera.



Ondina contorna o palácio e segue, porque distingue à frente um resplendor rosado, uma espécie de aurora palpitante, e para ali se encaminha cheia de curiosidade.

Perto, num pequeno vale, encontra um areal limpo e liso. A sua areia doirada brilha suavemente como a da beira-mar ao sol da manhã, embora esteja coberto por águas fundas. E – oh espanto! – Ondina vê escrito na areia o seu nome. Reconhece mesmo a caligrafia da sua própria infância, registada numa velha fotografia que ela se habituou a ter no álbum familiar e que lembra a história já conhecida.

Seria então verdade que o mar guardou tantos anos o seu nome na fundura do coração?

Estaria Ondina a tocar agora no verdadeiro fundo do mar, aquele ponto sensível que tão pouca gente, infelizmente, já sentiu?

Nadando sempre, Ondina avança para o resplendor rosado como aurora palpitante.

bibRIA

Num leito de verdura, em forma de concha, está um vulto humano. Tem o corpo coberto de escamas especiais que o protegem, e parece adormecido.

Ondina, transportando consigo uma bola de ar, inclina-se sobre o rosto do jovem. Fica a contemplá-lo, banhando-o com o seu hálito, porque o rosto do jovem é extraordinariamente perfeito. Por fim, ele acorda, respira, abre os olhos cor de mar e Ondina fica num sobressalto. Mas ele pede-lhe auxílio, liberta-se das



suas incómodas escamas e, juntos, de mãos dadas, sobem até à superfície e ganham terra firme.

Ondina acaba por compreender o que já sabia sem o saber: estava destinada a casar com um filho do mar e, que bom!, a ser muito feliz.

bibRIA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO

bibRIA

ÍNDICE

O Mistério da Floresta Mágica 7
Ondina Sereia e o Mar 27

bibRIA

Esta colecção da Campo das Letras Editores é constituída por cinco volumes com ficções de autoria de Arsénio Mota e ilustrações originais, a cores, assinadas por artistas consagrados:

1. A Corte na Aldeia
   Ilustrações de *Armanda Passos*

2. O Segredo da Rocha
   Ilustrações de *Emerenciano*

3. A Bandeira Escondida
   Ilustrações (colagens) de *Fernando Lanhas*

4. O Mistério da Floresta Mágica
   Ilustrações de *António Modesto*

5. A Ilha das Bocas Abertas
   Ilustrações de *Carlos Carreiro*

bibRIA

Cada volume é autónomo, mas os cinco integram um artístico estojo. Se ainda não o tem, procure-o nas livrarias ou na editora.

Campo das Letras, Rua D. Manuel II, 33 – 5.º, 4050 Porto

Nº de Registo: 19769
Data Entrada: 25/07/02
Cota: 82-93 MOT
M.F.N.: 11199
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LEITURA DO BAIRRO

Algumas obras do autor:

Som de Origem - Arte d'escrita, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.
A Última Aposta, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.
Artistas ao Norte, Porto Editora, 1989.
Júlio Resende - A Arte Como/Vida, Livª Civilização, Porto, 1989 (org. e co-autor).
Letras Bairradinas - Antologia, ed. AJEB, Anadia, 1990.
Estudos Regionais (Sobre a Bairrada), Livª Figueirinhas, Porto, 1993.
O Museu no Sótão, crónicas, Livª Figueirinhas, Porto, 1993.
António de Cértima - Vida, Obra, Inéditos, Livª Figueirinhas, Porto, 1994.
Armanda Passos, Campo das Letras, Porto, 1997 (org. e co-autor)

Contos para crianças:

Os Segredos do Subterrâneo, Prémio Internacional da Juventude, Editorial Caminho, Lisboa, 1986; 2ª ed., 1995.
Histórias com Historinha Dentro, ilust. Júlio Resende, Livª Figueirinhas, Porto, 1986.
A Roda Que Saiu dos Eixos, ilust. Luísa Brandão, Edições Asa, Porto, 1987; 2ª ed., 1994.
A Sopa das Nove Letras, ilust. Emerenciano, Porto Editora, 1988.
Tenho uma Ideia, ilust. Júlio Resende, Porto Editora, 1989.
A Nuvem Cor-de-Rosa, ilust. Júlio Resende, Edições Asa, Porto, 1989; 2ª ed., 1993.

biblRIA



Amigos:

Concordem comigo: um livro é uma coisa maravilhosa. Porquê? Porque ao lê-lo começamos logo a viajar, a conhecer gente, a correr mundo.

Abrimo-lo, e começa a aventura!

Eu comparo o Livro a um tapete voador, dos antigos, daqueles que eram mágicos: sentamo-nos em cima de um (quer dizer, entramos na leitura) e a viagem principia...

Cada viagem faz-nos sonhar.

Quem não gosta de sonhar e de ir pelo mundo fora?

O Livro é um brinquedo formidável!

Por isso proponho ao papá e à mamã, ao avozinho e à avozinha, ao padrinho e à madrinha isto que é fácil e é gostoso: puxem a criança para a vossa beira, coloquem-na quase à vossa altura (por exemplo, sentando-a no joelho) e leiam-lhe uma história. Se for preciso, expliquem-lhe o que for explicável.

Haverá para os grandes coisas maiores do que as coisas dos pequenos?

Arsénio Mota

bibRIA

ISBN 972-610-081-X

9 789726 100812